

DIVÃ – O DISCURSO FEMININO NA PÓS-MODERNIDADE

OLIVEIRA, Claudiana Soares de.

Oliveira.claudiana@ig.com.br

NUNES, Antonia Maria. (Orientadora)

Graduada em Letras-Português / Licenciatura Plena, Mestre em Comunicação e Semiótica, profª de Teoria Literária do curso Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

nianunes@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo pretende debater a inserção da mulher no universo social, além de colocá-la como ser emergente na literatura. Tomando a obra DIVÃ como referência, este debate propõe uma reflexão sobre o papel da mulher diante de seu próprio “descobrimento”, com questionamentos, suposições e conclusões sobre sua própria existência enquanto mãe, esposa, amante, profissional, amiga e paciente. Assim, a personagem-protagonista – Mercedes – se transforma em principal objeto de estudo, visto que é através dos seus depoimentos que a análise do comportamento da mulher pós-moderna pode ser norteada e, conseqüentemente, chegar-se-á ao objetivo almejado.

Aqui pode ser vista uma breve reflexão a respeito da trajetória do movimento feminista no Brasil e da literatura de autoria feminina. A inserção do pensamento feminista na prática literária bem como a história e a perspectiva foram abordados com a intenção de ampliar o conhecimento do leitor quanto ao desenvolvimento da inteligência da mulher, sua ascensão enquanto conhecedora e desbravadora de espaços até então não permitidos a essa figura da sociedade.

Palavras-chaves: mulher, literatura, existência e feminismo.

A Literatura das minorias

Sabe-se que desde as formações das primeiras camadas sociais o homem era tido como foco para discutir, participar e agir no que tangia as questões político-financeiras e sociais, de forma a excluir os demais membros (mulheres, negros, homossexuais, índios, etc.) que por justiça deveriam integrar o mesmo espaço e isso só poderia acontecer uma vez que a igualdade entre sexos e raças fosse aceita primeiramente por parte do principal mentor de tamanha concepção preconceituosa, ou seja, o próprio homem teria que acatar uma nova visão de direitos humanos, de equidade entre os elementos que formam uma coletividade humana, pois o respeito em deixar valer a opinião do outro tende a fortalecer o crescimento da humanidade como um todo, seja no âmbito da política, educação, etc..

A literatura também surgiu com essa concepção discriminante. O espaço literário era restrito a autores do sexo masculino, os quais expunham suas visões sem serem questionados, o que tornava clara a presença de uma imposição de pensamento. Porém, com o passar dos tempos, outras massas sociais – negros, índios, mulheres, homossexuais, entre outros – foram surgindo no mundo literário e conquistando seus lugares, e a essa nova concepção foi dado o nome de *literatura das minorias*, a qual vem se fortalecendo a cada dia, buscando acompanhar a evolução do universo literário mundial. Essa nova literatura exprime a aflição pela liberdade de fazer ouvir as vozes de seus representantes outrora calados; para eles, a literatura não é uma direção para o diálogo, e sim, é o alimento imprescindível para seus representados, pois é através desse alimento que eles passam a compreender melhor suas próprias vidas, visto que as suas realidades ali são postas e parecem, por vezes, “solucionadas”.

O Movimento feminista e a mulher na literatura

Desde fins do século XIX, com o surgimento do *feminismo*, a mulher vem passando pelo processo de superação da submissão a que esteve sujeita, ampliando sua cidadania através de conquistas importantes como: ações por direitos trabalhistas, direito à educação, ao voto, ao exercício da arte nos seus variados campos, à liberdade da escolha política, etc. Segundo depoimentos de alguns viajantes que vinham ao Brasil, em meados de 1850, surgiam escolas consideradas de excelência, porém, ¹os pais retiravam suas filhas ao completarem 13 ou 14 anos, considerando-as preparadas para a vida, portanto aptas ao casamento, convictos de esta ser a opção de futuro mais adequada às mulheres. Fato como esse confirma a submissão pela qual o sexo feminino era sujeito.

A mulher, além de continuar ocupando o espaço submisso comum ao seu sexo, passa a ampliar suas expectativas intelectuais e sociais, mobilizando-se por meio do *Movimento feminista*, o qual surgiu da revolta das mulheres diante das condições que presidiam seus destinos tanto pessoais quanto às suas condições dentro da formação familiar, para então buscar maior representatividade e participação, contrapondo-se à ótica masculina que sempre teve tanta intensidade no que se refere aos caminhos sócio-culturais ao longo da história.

Considerando-se que a figura feminina encontra-se inserida no contexto das minorias, vale enfatizar a evolução da mesma no que concerne a sua participação social e literária. Alguns nomes começam a se revelar dentro das manifestações femininas no país e no mundo. Através de publicações de autoria feminina, a mulher vai ganhando estímulo para seguir em seus propósitos. Em 1832, é publicado no Recife (PE) o livro com o título de “Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens”, de autoria de Nísia Floresta, que é considerado o primeiro livro do qual se tem notícia no país que trata dos direitos das mulheres

à instrução e ao trabalho, exigindo que as mulheres sejam consideradas como seres inteligentes e merecedoras de respeito pela sociedade.

Nísia Floresta é considerada hoje a primeira feminista brasileira. Pesquisadores literários como Constância Lima Duarte, defendem que Nísia, intelectual, literata, educadora, escritora e poetisa

²[...] foi, talvez uma das primeiras a romper com os preconceitos que cercavam as mulheres no país. Foi uma das primeiras também a colaborar em jornais, a partir de 1830, em Recife, publicando mais tarde contos, poesias, novelas e ensaios em periódicos do Rio de Janeiro. Envolveu-se plenamente com as questões culturais de seu tempo, manifestando-as em sua militância que se abria em diversas vertentes. Tal fato, porém, não se expressaria de forma compartimentada, mas como peças complementares de um mesmo plano de ação no conjunto de sua obra, sempre imbuída do propósito de formar e modificar consciências.

Nascida em 1810, em uma pequena cidade do Rio Grande do Norte, Parapari (hoje Nísia Floresta), é tida como uma mulher que estava além dos princípios da sociedade de sua época. Teve uma juventude precoce, casou aos 13 anos e, alguns meses depois, abandonou o marido e voltou para a casa dos seus pais. Futuramente conhece um jovem acadêmico com quem passa a residir e constitui família, fatos esses que causaram calúnias em torno de sua imagem, posto que para a sociedade da época toda mulher deveria viver plenamente o casamento, o divórcio era um substantivo que naquele tempo era praticamente inexistente no vocabulário social. Preocupada com a educação feminina, ela fundou em 1838, e dirigiu durante anos, um colégio para meninas no Rio de Janeiro chamado Colégio Augusto, o qual, em nível de qualidade, podia competir com os melhores da cidade.

No entanto, vale ressaltar que o conteúdo escrito por Nísia Floresta girou em torno das causas sociais; na época seus artigos geraram grande repercussão, pois a voz feminina começou a ecoar no sentido de não deixar ser oprimida pela classe machista, numa primeira tentativa de demarcar terreno em torno de conquistas sociais. Contudo, tais artigos não foram escritos sob a ótica da literatura, ou seja, não possuíam a conotação literária, visto que não se pode observar traços e características da vertente literária da época (romantismo). Deste

modo, reconhecemos o valor de tais escritos em torno da luta feminista, sendo Nísia Floresta um marco em prol das conquistas até antes jamais vislumbradas como algo a ser alcançado.

Na literatura brasileira é considerado até os dias atuais o romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense, como primeira narrativa de autoria feminina negra. A partir daí a voz feminina não mais se permitiu calar, expressando sentimentos, realidades, medos e desejos que outrora foram reprimidos.

Na década de 1970 a mulher começa a demarcar com maior tenacidade o seu território, fazendo questionamentos existenciais, bem como abordando a questão da consciência do corpo. Com a entrada delas nas Universidades (1950), houve um fortalecimento quanto à expressão de suas realidades, as mulheres passaram a questionar com conhecimento de causa, o que as tornavam muito mais fortalecidas para defenderem um novo ponto de vista. A partir daí é percebido que aquele depoimento que dizia que aos 13 ou 14 anos as moças eram obrigadas a saírem da escola e se dedicarem ao casamento começa a perder força, elas passam a ter outra concepção de vida e buscam traçar outro destino para si, o matrimônio tem agora outro significado, o servilismo vai dando espaço à liberdade de expressão e pensamento.

O papel da mulher no campo da literatura começou ganhando proporções gradativas ao longo dos anos, pois ela deixa de ser a leitora de romances escritos por homens, os quais expunham suas visões machistas, para se tornar a leitora de obras com visão feminista, onde é comum a tendência de uma nova ótica no tocante ao enfoque da realidade feminina, a expressão dos sentimentos, a busca por respostas que levarão as mulheres a uma identidade pouco percebida até então. A figura feminina deixa de ser apenas passiva e torna-se formadora de opiniões, muito mais exigente e conhecedora dos mais diversos assuntos que possam vir a ser abordados.

O universo literário contemporâneo brasileiro tem muitas autoras que se sobrepõem quanto aos aspectos das realidades e expressões do considerado “sexo frágil”, a exemplo de Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Maria Adelaide Amaral, Lya Luft, Martha Medeiros (objeto principal deste artigo), além de outros expoentes dignos de nosso respeito.

Depois da condição de leitora passiva para leitora participativa na sociedade em que se insere, a mulher passa à condição de escritora. Essa condição ocorre a partir da segunda metade do século XX até os dias atuais, e surge da necessidade da descoberta de uma identidade própria. Nesse contexto, percebemos que a figura feminina deu um passo enorme em direção ao próprio reconhecimento em torno da sua capacidade intelectual, visto que abandonou a posição antes ocupada de simples leitora e consumidora de obras que retratavam o comportamento, os anseios, os desejos e as limitação femininas, sob a ótica meramente machista, o que, na maioria das vezes, representava com infidelidade. A consequência desse fato estava em delinear um comportamento preconceituoso e não condizente com a realidade da mulher, aumentando sensivelmente o abismo existente entre a realidade feminina e a realidade criada por escritores que não se comprometiam com o que realmente era fato.

Considerando alguns nomes brasileiros que se sobressaem nesse tipo de literatura, achou-se relevante a pesquisa sobre a autoria de Martha Medeiros. Escritora porto alegreense, cronista e poeta, começou a carreira como redatora na área de publicidade e propaganda. Em 1993, deixou a publicidade para se dedicar à literatura. Desde 1998 escreve para o site Almas Gêmeas e colabora nas revistas Viagem e Cláudia.

Cronista consagrada no sul do país, admirada por intelectuais e poetas, Martha Medeiros já vendeu mais de 50 mil livros, nos quais combina irreverência e lirismo em textos curtos e contemporâneos. Martha não só escreve para o público feminino, pois seus temas são diversos, a exemplo de política, sociedade, sentimento, respeito entre os seres humanos,

literatura feminina, entre outros. Depois do sucesso com a autoria de 11 livros, ela abre o leque para o mundo da ficção escrevendo *DIVÃ*.

DIVÃ – O discurso da obra

DIVÃ conta a história de Mercedes – uma mulher com mais de 40 anos, casada, mãe de três filhos – que resolve se submeter a uma análise terapêutica. A partir dessa análise, ela faz questionamentos, exprime seus anseios, medos, fantasias, além de deixar transparecer uma contradição de pensamentos, nem sempre o que ela teoriza consegue praticar. Sua intimidade até então mais restrita passa a ser externada ali sobre o divã terapêutico, o que antes não fora dito à sua melhor amiga, agora tem como ouvinte o psicanalista, alguém que é um estranho e que “supostamente” não seria digno de ser seu principal confidente.

Como uma jornada que é superada a cada passo dado rumo à linha de chegada, a mulher galgou com perseverança e altivez o reconhecimento de sus fantasias, anseios e desejos, deixando de configurar como trivialidade algo menos importante para aplacar como expressão viva de um ser que apresenta suas individualidades e merece ser reconhecida como componente atuante da sociedade. Assim, observa-se em *DIVÃ*, de Martha Medeiros, o grande passo dado em manifestar suas emoções, erros, fragilidades, desejos, entre outros fatores, algumas décadas antes proibidas ou marginalizadas, a exemplo de Luísa, personagem principal em “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós, a qual se entrega a uma relação adúltera como forma de refúgio para suprir seu lado carente, romântico e sonhador, mas que no romance é passado como uma atitude contrária à que deveria tomar as mulheres de sua época (séc. XIX). Tal obra apresentaria um ótica totalmente diferente de abordar a questão do adultério uma vez que tivesse autoria feminina, visto que somente à mulher é dada a sabedoria de expressar os reais sentimentos de outra.

DIVÃ traz o arquétipo de várias mulheres componentes da sociedade brasileira, com suas particularidades e personalidades distintas, compondo a heterogeneidade que é a alma feminina, agora revelada sem a chancela da censura discriminatória por parte da sociedade que apresenta uma ótica masculina.

Dessa forma, tem-se o depoimento de uma mulher bem casada e mãe de família, que não se apega à hipocrisia para esconder um passado vivido em meio a ousadia e vivificação de desejos e fantasias sexuais em nome de uma moral maculada pela mentira e omissão de uma juventude marcada pela ousadia e personificada pela frivolidade de seus atos. Mulher que encara, mesmo sendo casada, um romance com outra pessoa como forma de viver uma aventura, mas que é traída pelos próprios sentimentos que a empurram para uma situação de dependência de um romance que lhe parecia sem tamanha proporção sentimental.

Também nessa personagem observa-se a oscilação de sentimentos; a convicção e a firmeza de seus atos revelam a personalidade de uma mulher decidida e dona de si, no entanto, desmistificada pelo ciúme e sentimento de insegurança em relação a uma outra mulher que possivelmente tome seu lugar no coração de quem ela ama. Não menos importante é a variação de humor e de estado de espírito; em determinados momentos ela se apresenta tal e qual um porto seguro, suas convicções a conduzem por uma vereda onde a insegurança não tem espaço para se manifestar e, por conseqüência, o pessimismo é algo fora de qualquer possibilidade; em alguns momentos seu comportamento a revela como uma mulher temente às coisas da vida e incapaz de superar os obstáculos, delineando um perfil fragilizado.

Como se pode denotar, estamos diante da personificação da figura humana, em particular a feminina, com a exposição de seus anseios, qualidades e fragilidades. Porém, vale ressaltar que isso não é uma prerrogativa apenas do mundo feminino, mas é necessário que seja ressaltado e demonstrado em virtude dos longos anos que foi sufocada como algo que

deveria permanecer oculto na sombra da insignificância, porém que deve ser ecoado como representação de uma alma que deve ser respeitada e entendida como membro da sociedade.

DIVÃ apresenta o discurso da mulher que parece “sair do armário” para externar suas angústias, seus desejos, suas aventuras; aquela que se deixa entender como alguém que não está disposta a viver inibindo seus sentimentos mais reais. A capacidade de expressar seus mais inusitados anseios faz da personagem um exemplo de transformação das atitudes que supostamente caberiam ao sexo feminino.

A personagem Mercedes, com seus anseios por um destino que a leve a um reencontro consigo mesma, por querer viver longe dos olhos discriminantes da sociedade nos remete à personagem Emma Bovary, protagonista do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Emma é uma mulher sonhadora, pequeno-burguesa criada no campo que aprendeu a ver a vida através da literatura sentimental, é esposa de um pacato, insignificante e provinciano médico chamado Charles Bovary, o qual é tão apaixonado pela esposa quanto entediante; ele oferece à sua Senhora uma existência limitada naquela pequena burguesia da província. Bonita e requintada para os padrões provincianos, a Senhora Bovary se sente sufocada com tal vida medíocre e resolve viver relações adúlteras em busca do amor que lia nos livros românticos da época, porém suas aventuras resultam em um trágico desenlace e tem sua morte como consequência.

A protagonista de *Madame Bovary*, assim como a de DIVÃ, demonstra querer criar asas para voar por um céu desconhecido e que lhes parecia tão envolvente. A vontade de trilhar por outros caminhos parecia-lhes tão importante quanto o ar de que precisavam para sobreviver. No entanto, diferentemente de Emma Bovary, Mercedes está sempre se questionando: o que neste momento parece correto, em poucos instantes pode se tornar incorreto. Mercedes vive e questiona, curte e sofre, em alguns momentos acredita que suas

decisões a levarão à felicidade, em outros se pergunta se a nova vida será realmente a que lhe trará felicidade ou se o que acabou de deixar para trás não seria o caminho certo.

Para Mercedes era preciso ousar, mesmo que com cautela, para conseguir experimentar o diferente, o que a sociedade machista convencionou ser proibido é para ela mais uma aventura que deve ser vivida pela mulher. Essa afirmativa pode ser percebida quando Mercedes fala do seu namoro com César, namorado de outrora que a fez passar pelas melhores experiências sexuais antes não imaginadas:

Do César lembro bem eu tinha 17 anos e lubrificação era até então uma palavra que me remetia a oficinas mecânicas e postos de gasolina. Mas dentro do carro do César, eu era o motor, ele era o lubrificante, ficava quente como se vivêssemos no inferno. [...] Eu estava no banco de um carro que não lembro a marca, mas era apertado. No colo de um motorista que não sei se possuía carteira de habilitação, mas que sabia atravessar um sinal como ninguém. O cara não pedia licença, ia entrando com língua e dedos: o resto eu continha com o que me sobrava de juízo. Sofria e gozava, sofria e adorava, sofria e queria mais. (MEDEIROS, 2002, p.19-20).

Nesse momento pode ser percebido que o erotismo abordado no romance tem uma dimensão incomum em outras obras. Martha Medeiros faz com que Mercedes se deixe explorar de uma maneira mais atrevida e sem constrangimento, expõe suas peripécias com uma naturalidade que impressiona o leitor. Porém, aqui o erotismo não é abordado com vulgaridade, a personagem vive experiências em busca de um sentimento que ela mesma diz ainda não saber ao certo qual é, a procura pelo novo lhe dá oportunidade de conhecer-se melhor, há portanto uma redescoberta dela enquanto mulher.

Essa ousadia que por alguns momentos é vista como um traço quase singular para o perfil da personagem, por vezes parece não mais existir, pois Mercedes ao mesmo tempo em que parece querer viver aventuras que não atingem seu lado racional, acreditando que algumas peripécias podem ser vivenciadas sem afetar seu lado emocional, sua reação ao ser questionada pela sua aventura extraconjugal a faz explicar de tal maneira: “Sei que será um caso breve e não estou morrendo de amores por ninguém, apenas estou usufruindo da experiência que eu já deveria ter vivido há mais tempo. [...] Esse affair não vai mudar em

nada a minha vida, eu prezo muito o que construí com Gustavo.” (idem, p.54); com essa afirmação, a personagem utiliza-se de um discurso digno da visão masculina do adultério, pois são os homens que pensam assim, porém, as atitudes de Mercedes parecem contrárias à sua teoria quando em outra sessão terapêutica revela que dessa aventura amorosa

Restou uma dor profunda, mas poética. [...] Eu estava feliz, eu estava no compasso dos dias e dos fatos. Eu estava plena e estava convicta. Estava tranqüila e estava sem planos. Estava bem sintonizada. E de um dia para o outro estava sozinha, estava antiga, escrava, pequena. [...] Era algo recém-nascido em mim, ainda não batizado. E quando acabou, foi como se todas as janelas tivessem se fechado às três da tarde de um dia de sol. Foi como se a praia ficasse vazia. [...] Nunca me senti tão desamparada no meu desconhecimento. (idem, p. 75-76).

DIVÃ deixa transparecer uma dupla personalidade da protagonista, a mulher que hoje parece forte, centrada e inatingível, amanhã surge como alguém frágil, que desacredita de sua capacidade e mostra-se vulnerável às trapaças da vida. Em muitos momentos do livro pode haver uma identificação do (a) leitor (a) com a personagem ou talvez um desejo de ter Mercedes como ícone maior da figura feminina, diferente de muitas mulheres que parecem viver submissas não só aos seus esposos como também aos olhos da sociedade.

Arriscar o novo pode parecer galgar novos rumos, libertar-se da estereotipagem imposta como modelo a ser seguido. Mercedes surge como exemplo de ousadia, ela quebra todos esse paradigmas sociais, se atreve a agir de maneira contrária ao arquétipo feminino, o que sugere maior estranheza de comportamento por parte da mulher para ela é normal, ou seja, o diferente é sinônimo de atraente. DIVÃ supõe as mais desmedidas situações que uma mulher se propõe a enfrentar. Visões contrárias aos mais diversos assuntos como moda, família, relacionamento extraconjugal, divórcio, etc., aqui são postas de maneira distinta das que estamos habituados a perceber.

O respeito à realidade feminina e a possibilidade de dupla interpretação em DIVÃ

Hoje, é possível perceber que todas as barreiras superadas em busca do reconhecimento da figura feminina na sociedade está gerando frutos. Vale ressaltar, porém, que não foi uma luta em torno de ser apenas inserida como membro dessa sociedade, e sim como possuidora de valores ímpares nos mais diversos campos, capazes de opinar, promover transformações, administrar ou atuar em qualquer outra área onde seja convocada a dar sua parcela de contribuição.

Com a sua inserção na literatura, as obras de composição feminina passaram a retratar uma realidade antes contestada. A fidelidade de sentimentos proporcionou que os anseios femininos fossem retratados de acordo com a realidade. A censura e a inibição cederam espaço para a necessidade de revelar todos os detalhes componentes da alma feminina, não como uma forma de rebeldia, mas como uma maneira de mostrar para a sociedade que por trás daquele corpo de mulher existe um ser humano que possui um coração pulsando vinte e quatro horas por dia com suas emoções, desapontamentos e acertos; e uma personalidade capaz de proporcionar as maiores conquistas, como também as maiores angústias, pois tudo isso é próprio de quem é humano.

Um fato que parece curioso na literatura de autoria feminina é que nesse mundo de descobertas pode ser percebido que

³[...]a presença de um espelho é freqüente, objeto que faz referência clara ao universo feminino, [...] não mais para exaltar frívolas vaidades e projeções fúteis, mas para servir como o lugar, o espaço que possibilita a indagação sobre novos desejos, ou mesmo, sobre o rompimento de velhas imagens que não servem mais.

Assim, podemos ter a impressão de que mesmo conquistando espaços tão almejados, a mulher não deixou de ter seu mundinho fictício para fazer suas indagações; a busca pelo perfeito sempre fez da mulher um ser que age diferente do homem, ela não deixou de ser

vulnerável, suas características praticamente não mudaram, o que houve foi a abertura de mais uma porta para que sua capacidade fosse mais uma vez comprovada.

Dentro dessa conjuntura de grandes conquistas encontramos Martha Medeiros. Após a leitura e pesquisa de sua obra – *DIVÃ* -, percebemos que a autora não teve a singela ambição de ter o seu nome escrito entre as grandes autoras de livros como, por exemplo, Cecília Meireles, Zélia Gatai, e Tarsila do Amaral. A composição de *DIVÃ* está regida sob a égide do compromisso de escrever algo de qualidade e capaz de ser submetido ao crivo da crítica literária com um excelente conceito, uma vez que essa obra foi idealizada com grande apreço pela autora.

Um dos pontos a serem observados e que chama atenção, é a forma com a qual Martha Medeiros compõe as personagens. A obra retrata o desabafo de uma figura dramática no tocante à sua vida; no entanto, Martha, de forma proposital, deixa no ar uma grande interrogação quanto à existência ou não da figura do terapeuta. É possível observar que em momento algum a autora dá vida a esse integrante do romance, pois não tem nenhuma fala a ele atribuída; como também, não expõe ponto de vista algum, a exemplo de quando Mercedes diz: “ Por que estou aqui é uma pergunta que me faço desde a hora que acordo até a hora de ir dormir. Não saberia dizer a razão concreta que me trouxe até o senhor. Posso chamá-lo de Lopes, apenas? Ótimo, facilita bastante.” (MEDEIROS, 2002, p.12) – por essa ótica, seria imediato concluir pela sua inexistência, visto que ao coadjuvante não foi dado o direito da palavra; mas, como toda obra bem elaborada, em que o interesse é gerar o conflito de opiniões, Medeiros coloca na voz da protagonista (perguntas, breves opiniões, ...) o discurso que seria inequivocamente endereçado à personagem do psicólogo, deixando a sua presença sem a mácula de qualquer dúvida, que por ventura pudesse ser ventilada, isso pode ser percebido quando ela afirma:

Eu já sonhei com você, por exemplo.

Lopes, você corou.

Não era um sonho libidinoso. Você e eu estávamos numa festa, várias pessoas estavam, tudo muito confuso, até minha mãe apareceu por lá, [...], como é que você relaciona tudo isso? Ah, nem tente. Eu, sinceramente, não sou curiosa. (idem, p.48).

O segundo ponto a ser abordado e que patenteia o capricho de Martha Medeiros na composição da obra, é o local onde todas as confidências são reveladas. Para o leitor menos atento ou sem compromisso com os pequenos detalhes de uma obra literária, essa é uma questão ínfima, pois sua resposta é imediata – num consultório; a resposta não é de toda incorreta, até porque o próprio título do romance sugere e aponta a direção para esse caminho, além de existirem momentos que levam a tal afirmação como quando Mercedes diz: “Eu não sei como é que acontece com os outros pacientes, se todos chegam aqui e mandam às favas sua censura interna, mas eu confesso que não tenho vontade de lhe contar tudo sobre mim”.(idem, p.47), e “Estava observando, ali fora, na sala de espera, a mãe da paciente que estava aqui com você antes de mim”. (idem, p.112). Todavia, não existem subsídios capazes de esgotar todas as possibilidades para mais uma hipótese. Assim, é possível também se chegar à conclusão de que o provável consultório nunca existiu, e na verdade, a protagonista criou o seu próprio universo literário para, de dentro do seu próprio mundo ou ambiente de trabalho – o atelier -, criar todo o clima necessário para o desenrolar da história retratada em *DIVÃ*. Existe a possibilidade de tanto o consultório quanto o psiquiatra serem fictícios, ou seja, ela pode ter dado vida a algumas personagens que estão no desenrolar da experiência através de um diário e essa possibilidade não é de todo equivocada, uma vez que não são percebidas as vozes dessas, a exemplo de quando se diz: “Não sei, não sei, não sei. Você está me fazendo as mesmas perguntas que eu me faço, e a minha única resposta é não sei”. Aqui deixa clara a resposta de Mercedes, mas não aparece nenhuma pergunta de Lopes, apenas suposições de que elas existiram.

Considerações

Como se pode concluir, não abordamos apenas mais uma obra literária disponível em qualquer biblioteca, e sim uma peça da literatura brasileira, sob a tutela de uma escritora que revelou em algumas dezenas de páginas o seu talento, deixando para o contexto histórico o exemplo de representação feminina, componente ativa de sociedade brasileira.

Nessa obra a figura feminina ganha liberdade de expressão, as realidades são exploradas sem qualquer tipo de constrangimento por parte da personagem, porém não são colocados apenas aspectos positivos, já que como todo ser humano, Mercedes é possuidora de qualidades, aspirações, dons e defeitos, ela ao mesmo tempo em que se mostra decidida e tenta parecer diferente das demais mulheres no tocante ao seu caráter, deixa perceber que por trás dessa força aparente existe uma mulher que mesmo buscando agir com os pés firmes sobre o chão, tem em si as dúvidas que a atormentam todo o tempo.

Outro ponto de fundamental relevância na obra foi a questão da abordagem do erotismo presente quase que constantemente. A personagem abusa de suas fantasias e se coloca disposta a viver intensamente cada momento que possa lhe ser proposto. Suas aspirações enquanto esposa, mulher, amante, ou seja, seu perfil sexual é relatado com naturalidade e parece fazer falar o mais íntimo do seu ego, característica que atrai o público leitor, tanto masculino quanto feminino, visto que para esse o romance serve como representante de seus anseios, enquanto para aquele pode ser uma das pistas iniciais para desvendar o enigma que é para ele a personalidade feminina até então caracterizada como um emaranhado de incógnitas de difícil entendimento.

Notas

¹ LIMA DUARTE, Constância. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Ed. Da UFRN, 1995. 365 p. Disponível na Internet via www.scielo.br/ scielo. Arquivo capturado em 12 de outubro de 2005.

² LIMA DUARTE, Constância. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Ed. Da UFRN, 1995. 365 p. Disponível na Internet via www.scielo.br/ scielo. Arquivo capturado em 12 de outubro de 2005.

³ ALMEIDA, Lélia. *Linhagens e Ancestralidade na literatura de autoria feminina*. Departamento de Letras da UNISC Brasil. Disponível na Internet via <http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/linhages.html>. Arquivo capturado em 21 de novembro de 2005.

Referências Bibliográficas

GONÇALVES, Hortência de Abreu. *Normas para Referências, Citações e Notas de Rodapé da Universidade Tiradentes*. Aracaju: UNIT, 2003. 82p. il.

MEDEIROS, Martha. *Divã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 154 p.

QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. São Paulo: Ática, 2001. 328 p.